

"Me" desculpe qualquer má palavra, "sêo" doutor Fernando Henrique, mas deixe que lhe fale como nordestino que, embora asilado no centro-oeste "continua prisioneiro de sua origem", no dizer do romancista e político paraibano Zé Américo: o caminho não é por aí!. O senhor foi a Serra Talhada, aquela cidade magnífica do sertão pernambucano, onde nasceram Agamenon Magalhães, Virgulino Lampião e Inocêncio Oliveira, suas três figuras mais ilustres, a fim de inaugurar o açude do Inocêncio que vinha sendo construído há mais de 40 anos, desde quando Getúlio se suicidou, houve um troca-troca no Cateete e depois Juscelino tomou posse na marra, garantido pelo marechal Henrique Teixeira Lott. Pois bem, o açude chegou ao fim antes que o século se despedisse para o ano 2000. Depois, de lá mesmo, o senhor passou por cima da Paraíba e do Rio Grande do Norte (que injustiça!) e foi ao Vale do Rio Jaguaribe, no Ceará, e ali, sob o olhar carrancudo do Tasso Jereissati, cara fechada que não é normalmente a dele mas estava, lançou a pedra fundamental da construção de um novo açude, a menina dos olhos e filha predileta do deputado Paes de Andrade, presidente do PMDB, sarneysista de dois costados pois de quatro só o Gilberto Miranda. (Será que São Francisco andou por lá, pois Paes vai deitar e rolar nesta eleição municipal com a pedra fundamental do açude na mão e no comício?). Pois bem, Presidente, esse novo açude, o do Paes, vai levar outros 40 anos para ser construído, ou muito mais, pois dizem os "replays" ser ainda maior do que o Orós, que era o maior do Nordeste. Começou com o século e só foi inaugurado no mique por Juscelino. Demorou tanto que até se tornou motivo de literatura de cordel no Ceará.

Se Vossa Excelência acha que isso é programa para redimir o Nordeste e acelerar o seu desenvolvimento, fique sabendo, Excelentíssimo, que o nordestino nem é bobo, nem é burro e, se às vezes aparenta

sê-lo, é por mera e esperta conveniência. Açude só deve ser inaugurado, nunca lançar-se pedra fundamental, porque o povo fica rindo e debochando. Daqui a mais 40 anos, ou seja, em 2036, o Presidente que em Brasília estiver em exercício (hoje ainda um meninote de seus 20 anos anonimamente matriculado numa faculdade qualquer de São Paulo ou de Minas Gerais) irá ao Ceará inaugurar o açude "Paes de Andrade", que não estará presente para colher a homenagem pois já terá certamente conquistado outra paz que não a do nome. Na verdade, Presidente, nessa viagem ao Nordeste, o senhor estava era precisando de uma tribuna para fazer um discurso de grande repercussão - o Norte e o Nordeste sempre dão repercussão a presidentes - e essa "tourné" pelo semi-árido, para isso, foi escolhida a dedo. Só não foi melhor, afinal, porque o ministro Serjão quis fazer gracinhas, o que decididamente não é o seu forte, mas ele insiste, o que o Presidente pode fazer? Ele quis dar a impressão de que todo gordo paulista é bem-humorado e fez a besteira de comparar o Henrique com o Collor e o roxo com o preto. Piada burra, sem graça e de mau gosto. Fernando Henrique não tem muita sorte com os seus chalaças. Agora está todo mundo do "cordão", em Brasília, pedindo licença para conferir...

Feito o preâmbulo indispensável, passemos ao que interessa. É que se o Presidente estivesse preocupado verdadeiramente em desenvolver o Nordeste, não seria com a inauguração de um açude e a promessa de construção de outro que o estaria fazendo, pois ele deve ter aprendido com Celso Furtado que tudo isso é bagatela. O Nordeste já estava e continua mais subdesenvolvido ainda, pois o problema é outro: é emprego para sua população ter direito a salário regular e remunerativo, benefícios sociais e da previdência e garantia de assistência na velhice. O caso, portanto, é criar as condições para isso - e disso, infelizmente, não se ocupou o

Presidente nessa sua viagem ao Nordeste, pois a ação do Governo na região é tão pobre que os seus ministros da área preocuparam-se só em armar o palanque para o discurso. Não tinham coisa melhor para oferecer. Poderia, entretanto, o Presidente ter mandado construir duas refinarias de petróleo, uma em Pernambuco e outra no Maranhão (salve São Francisco de Assis!). Mandar construir dois superportos, um na foz do São Francisco e outro na foz do Rio Jaguaribe. Levar sob banesses e incentivos uma montadora de veículos para a Paraíba, ali perto da divisa de Goiânia onde há portos naturais para serem aproveitados, e uma rede de fabricantes de autopeças para os estados vizinhos. Só a industrialização pesada, como a automobilística, a mecânica, a química, a petroquímica e a petrolífera, cria condições efetivas para o desenvolvimento e a geração de empregos, como é da teoria da Cepal, e ainda assegura a permanência da atividade agrícola e pecuária como fonte de matérias-primas para outras indústrias e garantia de abastecimento. Mas, a industrialização terá que vir na frente. Como se viu em São Paulo, e como era o planejamento de Celso Furtado para o Nordeste. O exemplo de Juscelino não morreu, Presidente, não queira inovar, siga-o.

Enquanto o Nordeste continuar sendo tratado como motivo de folclore do bumba-meu-boi ao forró e da buchada de bode, à cor do saco presidencial, continuará como está: lindo, maravilhoso, praias encantadoras com verde mar encantando poetas e turistas e se refletindo nos olhos enternecedores das caboclas luso-tabajaras, terra de turismo e de pintores da natureza. Mas, o povo, o povo mesmo, continuará esperando por um emprego na indústria para receber pelo menos um salário mínimo inteiro. Acorde, Presidente, por favor, e, quanto ao Nordeste, passe do discurso à ação.